

DIMENSÕES AFETIVAS DA MORTE NAS CONSOLATÓRIAS DE CÍCERO (106-43 A.C.) E PLUTARCO (46-120 D.C.) E DA DOR NA CONSOLATÓRIA À HÉLVIA DE SÊNECA (01-65 D.C.)

DYEENMES PROCÓPIO DE CARVALHO

Mestrando em História (UFG)

Bolsista de Pós-Graduação da CAPES

dyeenmes@hotmail.com

Orientadora: Dra. Luciane Munhoz de Omena (UFG)

RESUMO

A pesquisa da temática da morte na Antiguidade clássica nos últimos 30 anos se concentrou em aspectos sociais e políticos dentro do campo mortuário. Mais recentemente, uma historiografia da Antiguidade tem chamado a atenção para as dimensões afetivas da morte em autores cujas narrativas são testemunhos da órbita emocional envolvida na perda. Dentre as fontes literárias antigas, as cartas consolatórias apresentam tipologias relativas às representações da morte de forma enfática. Então, este artigo se propõe a analisar as dimensões afetivas da morte em três cartas consolatórias pertencentes respectivamente a Marco Túlio Cícero (100-43 a.C.), Lúcio Aneu Sêneca (01-65 d.C.) e Lúcio Méstrio Plutarco (46-120 d.C.). A hipótese é de que os aspectos afetivos da morte são como uma fronteira porosa da relação de uma pessoa com sua família e sociedade. Assim, a história das emoções leva-nos ao passado a partir da presença e participação dos afetos na dinâmica familiar, social e política.

PALAVRAS-CHAVE

História das emoções; dimensões afetivas; Cícero; Sêneca; Plutarco.

ABSTRACT

The research about death in the Classical Antiquity in the last thirty years focused on social and political aspects of mortuary studies. Recently, the historiography of

Antiquity has been calling the attention to the affective dimensions of the death in authors whose narratives testify of emotional orbit in the loss. Among ancient literary sources, consolatory letters present typologies related to the death representations in an emphatic way. So, this article aims to analyze affective dimensions of death in three consolatory letters respectively by Marcus Tullius Cicero (100-43 BC), Lucius Annaeus Seneca (01-65 AD) and Lucius Mestrius Plutarch (46-120 AD). Our hypothesis is that affective aspects of death are like a porous frontier of someone's relation to his family and society. Thus, the history of emotions guides us to the past from the affections presence and participation in the political, social and familiar dynamics.

KEYWORDS

History of emotions; affective dimensions; Cicero; Seneca; Plutarch.

INTRODUÇÃO

Uma vez que cada sociedade humana é composta por uma complexidade peculiar, a sociedade romana também deve ser vista do prisma de características em transformação, mas que, de certa forma, se mantêm (FUNARI, 2002, p. 93). Nesse sentido, a família romana insere-se nessa complexidade como um objeto de estudo multifacetado. Ao invés da criação de um estereótipo hermético de pais despreocupados e casamento sem afetividade, Leonard A. Curchin (2000, p. 543) chama a atenção para as evidências de afetos na vida da família romana. Uma vez que parece que essa perspectiva dos afetos ainda carece de estudos em Língua Portuguesa que trabalhem a documentação textual, faz-se necessário levantar o estado da arte dessa temática para, então, ir às fontes literárias a fim de se observar a factibilidade da percepção de afetos dentro da família romana.

Uma vez que esse intuito é, por si só, demasiado vasto, optou-se no presente texto pela dimensão afetiva perante a morte e a dor por ser considerada um eixo mais corporificado de análise dentro de algumas obras antigas. Para tal, foram delimitadas as obras consolatórias de Cícero (106-43 a.C.) – *Para Brutus* –, de Sêneca (01-65 d.C.) – *Consolatória à Hélvia* – e de Plutarco (46-120 d.C.) – *Consolatória à esposa*. A hipótese norteadora do texto abaixo é de que as dimensões afetivas, em especial aquelas perante a morte e a dor, abrem espaço para se pensar a permeabilidade das afeições em algumas obras antigas como eixo teórico e campo de análise válido dentre outros âmbitos já bastante estudados, como o viés político e ético, por exemplo. Logo, longe de encerrar qualquer debate sobre o assunto ou oferecer respostas definitivas, intenta-se apontar os afetos como mais um feixe poroso dentro da complexidade da família e sociedade romana.

A FAMÍLIA ROMANA E AS DIMENSÕES AFETIVAS DA MORS: *um novo horizonte*

A família romana, ao longo dos últimos 35 anos, tem sido estudada sob diversos prismas. Estudos anteriores à década de 80 tendiam a preferir fontes literárias e legais para compreenderem o estatuto, as relações internas inerentes e comportamento da família romana (CURCHIN, 2000-2001, p. 535). Tal tendência também recebeu atenção por um viés etnográfico comparativo em obras dos anos 80 e 90, como, por exemplo, de J. Goody (1983), J. Casey (1989) e S. B. Pomeroy (1997). Já nos anos 2000, pode-se citar a contribuição de C. J. Smith (2006, p. 3-50) ao abordar, entre outras coisas, a família romana a partir do mapeamento e semântica da palavra “*gens*” na formação de um sentido de identidade e prerrogativas religiosas.

Contudo, as pesquisas arqueológicas sobre a família romana, com foco especial na epigrafia, trouxeram um indelével enriquecimento para a compreensão da prática social, na acepção de Camila Diogo Souza (2001, p. 46), e como esta, por vezes, diferia dos ditames legais e da representação das famílias das fontes literárias (CURCHIN, 2000-2001, p. 535). Ademais, a epigrafia foi capaz de apontar a presença e importância de outros componentes familiares, como escravos e libertos que, em algumas inscrições, por exemplo, se referem aos seus senhores como *parens* (LASSEN, 1997, p. 109)¹. Além disso, Saller (1994, p. 133) adverte que a prática da autoridade por parte dos pais em relação aos filhos e escravos poderia não seguir a lei na sua literalidade². Nos últimos anos, parte da historiografia brasileira tem se voltado para a imbricação da epigrafia e família romana, o que tem produzido pesquisas profícuas³.

Ainda assim, a família romana permanece como um horizonte ainda a ser explorado na historiografia brasileira, especialmente a partir das dimensões afetivas. Isso porque tais dimensões se postam como eixo teórico capaz de olhar as percepções das fontes literárias e da cultura material sobre a família romana para além do binômio divergência/consonância e, ao mesmo tempo, alarga a possibilidade dialética articuladora dos dois tipos de fontes válidas implicadas no estudo das emoções nas relações familiares.

Por isso, dentre as experiências passíveis de análise das dimensões afetivas na família romana, a *mors* se inscreve como um horizonte frutífero para a compreensão das emoções cujas representações pululam tanto nas fontes literárias quanto na cultura material, já que aquela sociedade era marcada pela mortalidade (BALTUSSEN, 2009, p. 70, 84). Além disso, é no âmbito das dimensões afetivas da *mors* que os contornos das relações familiares ganham uma tenacidade talvez, até então, pouco contemplada e cuja constatação pode ampliar ou corrigir o espectro da importância das emoções na sociedade romana.

1 Para um aprofundamento sobre a afetuosidade entre escravos e senhores nas inscrições italianas, veja a obra de Beryl Rawson (2003).

2 Richard P. Saller (1994, p. 133) chama a atenção para a forma como Cícero (*Rep.*, 3.37) lida com a relação entre a autoridade ou direito do pai e a obediência dos filhos e escravos. Segundo ele, é uma das evidências que apontam uma prática social distinta daquela talvez idealizada na lei.

3 Veja, como exemplo, o estudo empreendido por Luciane Munhoz de Omena (2015).

Para tal, como afirmado na introdução, nessa segunda parte do presente artigo far-se-á necessário visitar com mais detenção obras de tônica consolatória como, por exemplo, *Para Brutus*, de Cícero (106-43 a.C.), *Consolatória à esposa*, de Plutarco (46-120 d.C.) e *Consolatória à Hélvia*, de Sêneca (01 a.C.-65 d.C.), com a finalidade de perceber como as emoções diante da morte ou o autocontrole dessas faziam parte da preocupação da elite romana (VEKSELIUS, 2018, p. 68), mesmo em três temporalidades distintas. Quando relevante, far-se-á menção a outras obras do *corpus* documental dos três autores mencionados acima com a finalidade de chamar a atenção para estudos futuros sobre a dimensão afetiva perante a morte mesmo em obras cujo gênero literário ou tônica principal não seja a consolação.

OS AFETOS PERANTE A MORS E A TRADIÇÃO TEXTUAL: revisitando as obras consolatórias de Cícero (106-43 a.C.) e Plutarco (46-120 d.C.)

A tradição textual, começando aqui por Cícero, é capaz de fornecer subsídio para a percepção de uma vinculação intrínseca das emoções com a realidade da morte no contexto familiar. A obra ciceroniana *Para Brutus* é importante nesse âmbito. *Para Brutus* é uma carta consolatória de Cícero para Marcus Brutus sobre a morte da esposa deste em 43 d.C. (SCOURFIELD, 2013, p. 6). De acordo com Olavo Vinicius Barbosa de Almeida (2014, p. 2), *Para Brutus* é uma obra de Cícero em formato de diálogos cuja data de escrita provavelmente se deu entre os anos de 47 e 46 a.C. já que, entre outras coisas, os diálogos após a batalha de Tapsos. Cícero (*Brut.*, 1.9.2) recomenda a moderação na tristeza com as seguintes palavras:

[...] *tibi nunc populu et scaenae, ut dicitur, serviendum est, nam cum in te non solum exercitus tui sed omnium civium ac paene gentium coniecti oculi sint, Minime decet propter quem fortiores ceteri sumus eum ipsum animo debilitatum videri.*

[...] agora você tem que prestar a devida consideração para o público e publicidade, como diz o ditado. Os olhos não somente do seu exército, mas de todos os cidadãos e praticamente de todas as nações estão focados em você; então seria particularmente impróprio para o homem que faz o resto de nós mais corajosos aparecer quebrado em seu próprio ânimo⁴.

A obra *Para Brutus* e o excerto acima em particular já receberam tratamentos anteriores sob prismas diferentes. J. H. D. (2013, p. 6) enfatiza a preocupação

4 Tradução nossa feita a partir da tradução inglesa do latim de J. H. D. Scourfield (2013, p. 6). Outra tradução é oferecida por C. J. Smith (2006, p. 46).

de Cícero quanto à aparição pública de Brutus, enquanto membro da elite romana numa situação de luto. Johan Vekselius (2018, p. 40, 44) compreende o excerto a partir do viés de uma tônica da afirmação de um *status* no exercício da *civitas*, *pietas* e *fides*. Contudo, seguindo a esteira de Margaret Graver (2009, p. 237), a experiência da tristeza e as lágrimas face à morte perfazem mais uma dimensão intrínseca da experiência da perda e as possíveis reações esperadas, mesmo sob os contornos da contenção.

Em outras palavras, desnudadas as dimensões públicas da performance de um membro da elite romana durante o funeral e importância política da afirmação de um *status* nessa ocasião, *Para Brutus* permite captar a realidade dos afetos como vivência intrínseca da perda e do luto. Adentrar esse meandro do efeito afetivo da morte, na obra *Para Brutus*, abre espaço para se pensar as emoções como integrantes do ambiente social da elite romana no contexto das últimas décadas da *Res Publica*. Além disso, sob o prisma de Cícero no excerto acima, não são os afetos diante da *mors* ruins ou indesejáveis em si, mas a falta de moderação na tristeza que é vista como sinal de fraqueza emocional.

Por que essa relação entre as afeições e as experiências da morte eram importantes dentro do contexto da *Res Publica*? Segundo C. J. Smith (2006, p. 47-50), a demonstração de afeto ou consternação perante a morte de um membro da família era um dos instrumentos associados à identidade ou vinculação à *gens*. Ele demonstra que, ao lado dos cultos e rituais fúnebres, outras atividades de prerrogativas também religiosas, como o compartilhar de cemitérios, perfaziam o arcabouço de práticas sociais⁵ através das quais uma *domus* constituía ou reafirmava sua identidade como *gens*. A falta do esboçar de qualquer reação afetiva perante a morte, em especial em relação a um membro da elite romana, teria implicações políticas. Há que se considerar que autores como Cícero estavam conscientes disso ao aconselharem seus destinatários⁶ modelos de atitudes fúnebres. Logo, a presença dos afetos nesses contextos fúnebres pode indicar a expectativa de uma performance pública da elite romana face à perda dos seus entes, segundo Johan Vekselius (2018, p. 59)⁷.

Dentro da obra ciceroniana, o enfoque sobre os afetos perante a morte não é exclusivo ao gênero consolatório de *Para Brutus*. Outras obras de Cícero, em diferen-

5 Embora o objetivo do presente artigo seja outro, vale conferir o tratamento de C. J. Smith (2006, p. 44) da importância dos rituais públicos (*publica sacra*) para a constituição de uma identidade da *gens* romana com base em Sexto Pompeu Festo (séc. II d.C.) e Ambrósio Teodósio Macróbio (séc. IV d.C.).

6 É pressuposto aqui que as obras de Cícero, Plutarco e Sêneca tinham em vista uma audiência maior do que de seus meros destinatários nominados. Para maior aprofundamento, sugerimos as introduções das obras de Liz Gloyn (2017); Elizabeth Amis, Shadi Bartsch; Martha Nussbaum (2010), bem como a análise de G. L. Hendrickson, H. M. Hubbell (1939), e, por fim, a introdução de Phillip H. De Lacy, Benedict Einarson (1959).

7 Segundo Vekselius (2019, p. 59), as “comunidades emocionais” poderiam ser entendidas como os grupos das elites romanas, tanto no período republicano quanto no Principado, que passaram a adotar códigos idealizados de reações afetivas perante a morte como modo de afirmação de sua alocação dentro da sociedade. Há que se discutir a factibilidade e comprovação documental desse conceito por causa da dificuldade de mensurar as afeições nessas fontes. Algo factível, por exemplo, é perceber a sugestão de Erich S Gruen (1992, 253) da existência de comunidade de “interesse” na receptividade e aversão de elementos helenísticos na sociedade romana.

tes graus, também apontam para a dimensão afetiva. Para tal, são oferecidos dois exemplos abaixo, de forma sucinta. Note-se, primeiro, Cícero (*Off.*, 1.27-54-55):

*N*am cum sit hoc natura commune animantium, ut habeant lubidinem procreandi, prima societas in ipso coniugo est, próxima in liberis, deinde una domus, communia omnia; id autem est principium urbis et [...] rei publicae [...] homines et caritate; Magnum est enim eadem nabere monumenta maiorum; eisdem uti sacris, sepulcra habere communia.

Pois uma vez que o instinto reprodutivo é, pela natureza, comum às criaturas, o primeiro [vínculo] da sociedade é o conjugal, depois com os filhos, temos uma casa (*domus*) em que tudo é comum (*communia*); e aquele é o princípio da cidade e a república [...] homens e afeições (*caritate*): grande coisa é terem as [mesmas] tumbas dos ancestrais, terem os mesmos costumes (*sacris*) e terem a mesma sepultura⁸.

No excerto acima, percebe-se o entrelaçamento do ambiente familiar matizado pelos vocábulos *coniugo* (conjugal), *liberis* (filhos) e *domus* (casa) com a presença de afeto (*caritate*) num contexto de tônus mortuário evidenciado pelas palavras *monumenta* (tumba) e *sepulcra* (sepultura). Ademais, a maneira em que o arrazoado de Cícero se move de forma cíclica da procriação (*procreandi*) para a experiência da morte, onde surge a menção das afeições, coloca essas últimas como parte integrante dessa condição inelutável dos homens (*homines*) que principiam e completam sua trajetória ligados à *urbs*.

Por fim, dentro do *corpus* ciceroniano, resta mencionar a obra *Discussões Tusculanas*⁹. Cícero (*Tusc.*, 2.27) concebe que homens, por exemplo, sofrem dor por várias razões, inclusive por doenças, mas a falta de contenção pode torná-los “*mollunt – moles*”, como os bárbaros, em sua visão, que lutam bravamente com a espada, mas não suportam a fraqueza numa maneira masculina (PEABODY, 1886, p. 133). Em outros trechos, há um contraste na experiência da “*dolor – dor*”, em que aparece a palavra *feminas* num contexto em que menciona gregos e espartanos (cf. Cic. *Tusc.*, 2.36)¹⁰. Embora o tratamento de Cícero da dor em *Discussões Tusculanas* traga subjacente um código de comportamento em que o lidar com a dor ou chorar copio-

8 Tradução nossa feita a partir do texto latino. Nessa tradução, optou-se por “afeições” como tradução para *caritate* conforme possibilidade apontada por F. R. dos Santos Saraiva (1993, p. 185) e tradução de C. J. Smith (2006, p. 47-50). Três das traduções existentes desse excerto são recomendáveis para consulta e comparação, a saber, a de C. J. Smith (2006, p. 47-50), a de Walter Miller (1913, p. 57) e a de Joseph M. Piel (1948, p. 35-36).

9 Andrew P. Peabody (1886, p. xii) situa essa obra no ano de 46 a.C. como um tratado em cinco livros nos quais Cícero mescla a influência de várias escolas filosóficas para lidar com diferentes assuntos, nem sempre interligados entre si.

10 Existem outros excertos com a mesma tônica ao longo da obra (cf. Cic., *Tusc.*, 2.50, 2.52, 3.13, 4.38, 5.4).

samente em público fosse uma falha de masculinidade¹¹, os afetos emergem como uma preocupação de Cícero, ainda que numa idealização da imagem de *hominum*¹², e demonstram a presença dos sentimentos nas experiências variadas da condição humana, dentre elas, a morte.

Outro autor pertinente para a compreensão da dimensão afetiva da *mors* é Plutarco (46-120 d.C.), na obra *Consolatória à esposa*¹³. Essa consolatória, escrita em grego, foi enviada por Plutarco à sua esposa após a morte da filha deles com o intuito de dar-lhe suporte nesse tempo difícil (BALTUSSEN, 2009, p. 76). O tema do tratamento do luto ou do lidar com a morte, em obras escritas em grego, remonta a Homero (*Il.* 5.381-415)¹⁴ e a Platão (*Tht.*, 176d-e)¹⁵. A distinção da *Consolatória* de Plutarco é o tom mais terno que o usual percebido em alguns trechos da obra como, por exemplo, (*Consol. Ad Uxor.*, 608, §1 e 2). Em *Consolatória à esposa* 608, § 2, por exemplo, ele fala da criança como “ἀγαπητοῦ διαφερόντως μοι γενομένου – amada diferentemente por mim acima de tudo”¹⁶, além do cuidado mútuo de marido e esposa para com os filhos – “πάντων ἐκτεθραμμένων οἴκοι δι’ αὐτῶν ἡμῶν – todos criados [em] casa por nós”¹⁷ – e do afeto, “φιλοστόργῳ” (*Consol. Ad Uxor.*, 608c). Além das palavras destacadas no texto, fica para outro momento um estudo mais detalhado sobre o uso de outros vocábulos de um espectro afetivo na *Consolatória à esposa* de Plutarco, a saber, “πάθει – dor” (*Consol. Ad. Uxor.*, 608c, 610f), “ἀποκλίσεις – inclinação” (*Consol. Ad Uxor.*, 611a).

Han Baltussen (2009, p. 78-79) chama atenção para três recursos empreendidos por Plutarco a fim de consolar sua esposa, a saber, o uso terapêutico da memória da criança como exercício da mente capaz de trazer conforto (Plut. *Consol. Ad Uxor.*, 610e), o uso de situações da própria vida da esposa como *exempla* a fim de que ela recobrasse forças (*Consol. Ad Uxor.*, 608a-c) e a exortação para que a lamentação ou tristeza não durasse muito tempo (*Consol. Ad Uxor.*, 608c). Ainda que esses recursos estejam vinculados a uma retórica de Plutarco sem desconsiderar a apreciação que

11 Esse aspecto particular é tratado por Johan Vekselius (2018, p. 44)

12 Recomenda-se o texto latino de M. Pohlenz (1918) para um estudo de *Discussões Tusculanas*.

13 O título original da obra em grego é: ΠΑΡΑΜΥΘΗΤΙΚΟΣ ΠΡΟΣ ΤΗΝ ΓΥΝΑΙΚΑ. Numa tradução mais literal seria “Consolação para a esposa”.

14 Veja a primeira parte desse excerto no original “τέτλαθι τέκνον ἐμόν, καὶ ἀνάσχεο κηδομένη περ: πολλοὶ γὰρ δὴ τλήμεν Ὀλύμπια δώματ’ ἔχοντες ἐξ ἀνδρῶν χαλέπ’ ἄλγε’ ἐπ’ ἀλλήλοισι τιθέντες. - Tolera, minha filha, sê paciente, ainda que sofras. Muitos dos Olímpicos de mãos humanas duras penas suportaram, ferindo-se uns aos outros!” Essa tradução da *Ilíada* é a de Haroldo de Campos (2002, p. 71). Destacam-se dois verbos importantes da temática do sofrimento que estão no imperativo, a saber, “τέτλαθι – suportar” e “κηδομένη – tribular”

15 Baltussen (2009, p. 70) argumenta que Platão em *Teeteto* 176b exorta diretamente às mentes quanto ao uso do raciocínio próprio como forma de se lidar com a perda e o luto que podem causar a desordem mental. Veja a aceitação proposta por Platão da morte como inescapável em *Teeteto* 176d: “ἀγνοοῦσι γὰρ ζημίαν ἀδικίας, ὃ δεῖ ἦκιστα ἀγνοεῖν. οὐ γὰρ ἐστὶν ἦν δοκοῦσιν, πληγαὶ τε καὶ θάνατοι, ὧν ἐνίστε πάσχουσιν – não sabem a penalidade da injustiça, a que deveriam saber – acima de todas as coisas – injúrias e morte, que eles supõem que transgressores escapam, mas uma penalidade da qual não se escapa” (Tradução nossa). Caso queira consultar uma tradução alternativa, veja a de B. Jowett (1931, p. 234).

16 Tradução nossa.

17 Tradução nossa.

uma audiência maior teria sobre a família dele a partir da imagem que ele constrói em sua *consolatio*, novamente os afetos são perceptíveis dentro da experiência da morte e do luto nas relações familiares.

Parece possível, então, afirmar que, em Plutarco, tem-se uma noção dos efeitos emotivos que a morte de uma criança, no caso *in loco*, poderia ter na família (*οἶκος*), ainda que a consolatória tenha provavelmente alcançado uma audiência maior. Ademais, por intermédio da forma tênue com que Plutarco se dirige à sua esposa, a tese de que os pais gregos e romanos eram desprovidos de sentimentos diante da morte de crianças não se sustenta (BALTUSSEN, 2009, p. 84, 94).

De forma preliminar, a tradição textual trazida acima demarca o contorno afetivo da morte como uma preocupação constante de autores como Cícero e Plutarco, na tentativa de lidar com o sofrimento diante da perda como parte da construção de um *topos* fundamental da sociedade romana em cada temporalidade específica. Também sobressai uma percepção de que as afeições nem sempre eram tratadas como inerentemente ruins ou indesejáveis, mas que deveriam permear as performances públicas, os ritos funerários e o lamento com uma contenção recomendada. Logo, as dimensões afetivas se inscrevem como eixo factível para a compreensão das perspectivas de algumas fontes literárias sobre a morte e suas consequências emocionais – objeto este com que vários autores buscam lidar.

Segundo Cícero (*Tusc.*, 3.12), os postulados estoicos quanto ao luto eram tidos como duros e sem emoção pela Academia de Crantor de Soli (séc. IV a.C.) (GRAVER, 2002, p. 238). Contudo, uma análise dos escritos de estoicos, como Sêneca, por exemplo, pode revelar uma preocupação recorrente com as dimensões emocionais advindas da experiência humana diante da perda. Por isso, nos dedicaremos à *Consolatória à Hélvia*, por ser, dentre os escritos senequianos, o que trabalha a órbita afetiva da dor – no caso, por causa do exílio.

■ A DIMENSÃO AFETIVA DA DOLOR NA CONSOLATÓRIA À HÉLVIA DE SÊNECA (01 A.C.-65 D.C.)

A obra *Consolatória à Helvia* é uma das consolatórias de Sêneca¹⁸. Foi escrita quando do exílio de Sêneca na ilha de Córsega por ordem do imperador Cláudio (10 a.C.-54 d.C.)¹⁹. Segundo Liz Gloyn (2017, p. 34), os motivos para a escrita dessa consolatória são incertos. Dentre várias propostas para o propósito da obra²⁰, segue-se

18 As outras obras consolatórias de Sêneca são: *Consolatória à Mária*, *Consolatória a Políbio*.

19 As razões para o exílio de Sêneca são escassas. Dio Cássio (*Hist.* 60.8.5) menciona a acusação de adultério de Sêneca com Julia Livila, irmã do imperador Gaio (12-41 d.C.). Não se sabe se a acusação era procedente ou não. A forma como a narrativa de Cássio é construída enfatiza mais a manobra de Messalina, esposa de Cláudio, do que o mérito da acusação em si. O fato é que, procedente ou não, Sêneca, envolvido em situações políticas da *aula* imperial foi enviado para o exílio, de onde escreve *De Consolatione Ad Helviam*.

20 Liz Gloyn (2017, p. 34) lista outras duas sugestões para as razões da escrita de *Ad Helviam*. A primeira é que a obra intencionava facilitar o retorno de Sêneca. A segunda é que a obra visava

aqui a apreensão de C. E. Manning (1981, p. 6), que, embora seja relevante considerar o ambiente político do exílio de Sêneca, a obra pode ser considerada uma verdadeira *consolatio* escrita para Hélivia, mesmo se tivesse em vista um público mais amplo, pois a análise da estrutura e do conteúdo apontam nessa direção²¹. De qualquer forma, ao olhar o arrazoado de *Consolatória à Hélivia*, vê-se Sêneca, no exílio, tentando lidar com a dor de sua mãe.

Ao longo da obra, Sêneca usa o vocábulo *dolor* e seus cognatos com uma considerada frequência (aproximadamente 15 vezes)²². As aparições das referências à *dolor* concentram-se no início e fim da obra. Essa configuração talvez indique a importância desse tema para Sêneca, já que ele abre e fecha a *Consolatória à Hélivia* lidando com a dor de sua mãe. Acima disso, porém, o contexto das menções à *dolor* tem muito a dizer sobre a imagem da dor de Hélivia que Sêneca constrói e o tratamento que ele propõe nessa obra para tal dor. Nas primeiras aparições (*Helv.*, 1.2, 1.3, 2.1, 2.5, 3.2, 4.1), dois tópicos destacam-se: a) a importância da memória como instrumento de tratamento da dor (*Helv.*, 2.5); b) intento de Sêneca de lidar com a dor de Hélivia a fim de que sua mãe pudesse vencer a dor, evitando qualquer exagero, má compreensão do estado dele em Córsega (*Helv.*, 1.2, 1.3, 4.1, por exemplo). Já nas últimas ocorrência da palavra *dolor* e seus cognatos (*Helv.*, 15.1, 16.1, 16.5, 17.1, 17.2, 17.5, 18.6, 18.9, 19.3), é possível observar a construção de uma estética do tratamento da dor sob os moldes estoicos em que: a) na construção de Sêneca, a causa da dor de Hélivia era a perda de seu filho para o exílio no sentido de não poder vê-lo ou conversar com ele (*Helv.*, 15.1, por exemplo); b) a filosofia e o uso da razão como uma das formas de lidar com a dor (*Helv.*, 17.2, 17.5); c) exortação de que Hélivia se dedicasse ao cuidado e ensino de Marcus e Novatilla, seus netos (*Helv.*, 18.6,7) e obtivesse consolo nessa tarefa²³; d) uso da metáfora médica para a cura da dor (*Helv.*, 17.1, por exemplo).

A importância que Sêneca dá à *dolor* em *Consolatória à Hélivia* deve ser contemplada para além de duas tendências em trabalhos sobre essa obra: a primeira, de Liz Gloyn (2017, p. 38), que põe uma tônica forte sobre a proposta de construção de um modelo ideal estoico de mãe; e a segunda, adotada por Cleonice Furtado de Mendonça Van Rajij (1999, p. 14), que enxerga nas obras consolatórias um intelectualismo exacerbado em detrimento do sentimento. Oferece-se aqui um viés que contrapõe a essas duas tendências, a saber, que a *dolor* em *Consolatória à Hélivia* abre a possibilidade de pensar a dimensão afetiva como um dos vínculos entre os membros da família, no caso *in loco*, da família Aneu, em especial entre Sêneca e sua mãe. Em outras palavras, Sêneca, em *Consolatória à Hélivia*, apresenta uma vinculação entre os

distanciar a imagem de Sêneca de Sejano cujos vínculos mais próximos corriam risco no governo de Calígula (12-41 d.C.) (MANNING, 1981, p. 6).

21 Gloyn (2017, p. 46) suscita outra hipótese para a escrita de *Consolatória à Hélivia*. Segundo ela, ao elaborar uma estética da família Aneu como unida, Sêneca intentaria levantar o capital cultural de sua família para, entre outras coisas, suavizar o impacto político de seu exílio.

22 Tais referências são: 1.2, 1.3, 2.1, 2.5, 3.2, 4.1, 15.1, 16.1, 16.5, 17.1, 17.2, 17.5, 18.6, 18.9, 19.3.

23 Para uma avaliação da tentativa de estrutura da família Aneu como modelo para vida romana em *Consolatória à Hélivia*, leia a obra de Liz Gloyn (2017, p. 39-46).

membros de sua família baseada também nos laços de afetividade que permeiam a forma pela qual Sêneca busca consolar Hélvia de sua dor, que vai além do uso do estoicismo como proposta estética de um modelo de mãe e da filosofia como instrumento intelectualizado do lidar com os afetos.

Um dos excertos mais emblemáticos de *Consolatória à Hélvia* a esse respeito é o 15.1. Veja abaixo:

Illo omnis consolatio mihi vertenda est, unde vera vis materni doloris oritur: “Ergo complexu fili carissimo careo; non conspectu eius, non sermone possum frui | Ubi est ille, quo viso tristem vultum relaxavi, in que omnes sollicitudines meas desposui? Uni conloquia, quorum inexplebilis eram? Ubi studia, quibus libentius quam femina, familiarus quam mater interebam? Ubi ille occursus? Ubi matre visa semper puerilis hilaritas?”

É para outro ponto que eu devo dirigir inteiramente minha consolatória – a fonte da qual a força real da dor de uma mãe se levanta – “Então eu perdi o abraço do meu filho mais querido”, você diz, “E eu não posso me deleitar em ver e conversar com ele. Quando ele aparecia, meu rosto relaxava de sua expressão triste, e a ele eu confiava todas as minhas ansiedades: onde ele está? Onde estão as conversas que sempre me deixavam querendo mais? Onde estão seus estudos, dos quais eu participava mais do que a disposição de uma mulher, e com uma intimidade além de nosso relacionamento maternal? Onde estão os nossos encontros? Onde aquele senso de alegria infantil sempre que ele via sua mãe?”²⁴

No trecho acima, há um entrelaçamento entre a construção do que Sêneca propõe em termos de estética estoica de maternidade nas várias referências (*materni matre*) e alguns afetos (*doloris, tristem, hilaritas*). Não que esses afetos fossem, por si só, a preocupação unívoca de Sêneca em *Consolatória à Hélvia* ou no excerto acima, mas digno de atenção é o fato de que essas referências afetivas perpassam a obra como um todo e a forma como ele os elabora retoricamente. No mínimo, deveriam captar a atenção para a factibilidade de que o seu exílio trazia reações afetivas em sua mãe, à qual ele procura dirigir suas argumentações de consolo. Ademais, essa tessitura de Sêneca apresenta a percepção da legitimidade afetiva de Hélvia como uma *dolor materni*, ou seja, ele não fala de uma dor aleatória, mas a qualifica dentro de um âmbito familiar. Esse seria, por assim dizer, um aspecto afetivo “negativo”. Contudo, não é apenas a *dolor* de Hélvia que surge do excerto acima entre os afetos traçáveis: até mesmo a visão que constrói de seu filho em relação a ser *carissimo* e a *puerilis hilaritas* aponta para uma imagem de Sêneca como filho querido e Hélvia como mãe afetuosa. Sem transigir, claro, pretensões políticas subjacentes a essa representação da relação interna da família *Annaeus* como unida, é inescapável que *Consolatória à*

24 Tradução nossa.

Hélvia deva ser considerada, entre outras coisas, como uma elaboração de estética afetiva da vinculação mãe-filho e não apenas ética. Diante do arrazoado acima, parece possível pensar na *Consolatória à Hélvia* para além de uma obra com finalidades políticas e ética; está calcada em afetos que compõem uma das preocupações de Sêneca.

Portanto, o tratamento de Sêneca da temática da *dolor*, dentre outras possíveis em *Consolatória à Hélvia*, abre a possibilidade de se pensar essa obra sob o prisma da percepção de que os afetos não só estão presentes na sua consolatória, mas perfazem uma das dimensões e tipologias traçáveis e que merecem atenção. Ademais, desnudados os âmbitos políticos e filosóficos imprescindíveis dessa obra, os afetos presentes na estética retórica de Sêneca devem ser vistos mais do que dispositivos persuasivos e embelezadores da escrita do filósofo, mas também como parte da preocupação inerente em postar uma forma de lidar com a dor, entre outras coisas.

CONCLUSÃO

O presente artigo intentou apresentar as dimensões afetivas da *mors* nas obras consolatórias de Plutarco e de Cícero e em alguns tratados de Sêneca – além da *dolor*, em *Consolatória à Hélvia*, como mais uma possibilidade de eixo de análise factível das referidas obras. Ademais, a hipótese da qual lançamos mão é a de que as dimensões afetivas se postam como matriz analítica profícua que, revisitando a documentação, é capaz de corporificar novos objetos de estudo na tradição textual antiga. À luz do texto acima, parece razoável supor que obras de diferentes temporalidades como as que foram analisadas, embora se engastem espaços específicos, contêm indicativos da presença e importância dos afetos. Tais afetos percebidos dentro do contexto familiar, por exemplo, permitem ver a vinculação entre membros de uma família para além da mera retórica, ou estética ética e até mesmo interesses políticos. Essa foi uma possibilidade que guiou a empreitada desse artigo.

Assim, parte-se do pressuposto que os interesses por trás dessas obras variam em grande medida devido às suas especificidades, mas que, mesmo assim, ao analisá-las sob a perspectiva dos afetos, o pesquisador é defrontado com tônicas passíveis de estudo. Por isso, é possível que esse tratamento dos afetos possa ir além de obras explicitamente consolatórias, espraiando-se, inclusive, para obras de outras tipologias ainda não exploradas sob esse prisma.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

Cic., *Tusc.*, – Cicero, *Tusculan Disputationes*, (Cícero, *Discussões Tusculanas*).

Cic., *Rep.*, – Cicero, *De Republica*, (Cícero, *Da República*).

Cic., *Off.*, – Cicero, *De Officiis*, (Cícero, *Dos Ofícios*).

Cic., *Brut.*, – Cicero, *Ad Brutus*, (Cícero, *Para Brutus*).

Hom., *Il.*, – Homer, *Iliada*, (Homero, *Ilíada*).

Plat., *Tht.*, – Plato, *Theaetetus*, (Platão, *Teeteto*).

Plut., *Consol. Ad Uxor.* – Plutarch, *Consolatione Ad Uxorem* (Plutarco, *Consolatória à esposa*).

Sen., *Helv.* – Seneca, *Consolatione Ad Helviam*.

FONTES

ALMEIDA, O. V. B. de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2014.

ASMIS, E.; BARTSCH, S.; NUSSBAUM, M. (eds.). *Seneca: Hardship and Happiness*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2014.

CAMPOS, H. de. *Ilíada de Homero*. São Paulo: Editora Arx, 2002.

CAMPOS, J. A. S. e. *Cartas a Lucílio: Lúcio Aneu Séneca – Tradução, Prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

CASSIUS. *Roman History, Volume I: Books 1-11*. Trad. Earnest Cary, Herbert B. Foster. Harvard: Harvard University Press, 1914.

CICERO. *On the Republic. On The Laws*. Trad. Clinton W. Keyes. Harvard: Harvard University Press, 1928.

_____. *Tusculanae Disputationes*. M. Pohlenz. Leipzig: Teubner, 1918.

_____. *DOS OFÍCIOS*. Trad. Joseph M. Piel. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1948.

_____. *Brutus. Orator*. Trad. G. L. Hendrickson, H. M. Hubbell. Harvard: Harvard University Press, 1939.

_____. *On Duties*. Trad. Walter Miller. Harvard: Harvard University Press, 1913.

_____. *Tusculan Disputations*. Trad. J. E. King. Harvard: Harvard University Press, 1927.

JOWETT, B. *Dialogues of Plato: translated into English with analyses and introductions*. London: Oxford University Press, 1931.

PEABODY, A. P. *Cicero's Tusculan Disputations: translated with notes e introduction*. Boston: Little, Brown and Company, 1886.

PLUTARCHUS. *Moralia. Consolation to his Wife*. Trad. Phillip H. De Lacy, Benedict Einarson. Harvard: Harvard University Press, 1959.

_____. *Moralia*. Gregorius N. Bernardakis. Leipzig: Teubner, 1891.

SENECA. *Hardship and Happiness*. Translations by Elaine Fantham, Harry M. Hine, James Ker, e Gareth D. Williams. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.

_____. *Moral Essays vol. I: De Providentia, De Constantia, De Ira, De Clementia*. Loeb Classical Library nº 214. Trad. John W. Basore. Harvard: Harvard University Press, 1928.

_____. *Moral Essays vol. II: De Consolatione ad Marciam, De Vita Beata, De Otio, De Tranquillitate Animi, De Brevitate Vitae, De Consolatione ad Polybium, De Consolatione ad Helviam*. Trad. John W. Basore. Harvard: Harvard University Press, 1932.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTUSSEN, H. Personal Grief and Public in Plutarch's "Consolation to His Wife". *The American Journal of Philology*, vol. 130, n. 1, p. 67-98, 2009.

CASEY, J. *The history of the Family*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

CURCHIN, L. A. The Roman Family: Recent interpretations. *Zephyrus*, 53-54, p. 535-550, 2000-2001.

FUNARI, P. P. A. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2002, 2ª ed.

GLOYN, L. *The Ethics of the Family in Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

GOODY, J. *The development of the Family and marriage in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

GRAVER, M. *Stoicism and Emotion*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

_____. *The Weeping Wise: Stoic and Epicurean Consolations in Seneca's 99th Epistle*. In: FÖGEN, Thorsten (ed.). *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlin e New York: Walter de Gruyter, 2009, p. 235-252.

GRUEN, E. S. *Culture and national identity in Republican Rome*. New York: Cornell University Press, 1992.

LASSEN, E. M. *The Roman Family: ideal and metaphor*. In: MOXNES, H. (ed.). *Constructing Early Christian families*. London e New York: Routledge, 1997, p. 103-120.

MANNING, C. E. *On Seneca's Ad Marciam*. Leiden: Brill, 1981.

OMENA, L.M. de. Memória e morte: uma abordagem da família romana por meio da cultural material. *Dossiê: Teoria e Métodos da Arqueologia*, v. 9, n. 2, p. 19-29, dez., 2015.

POMEROY, S. B. *Families in Classical and Hellenistic Greece*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

RAWSON, B. *Children and Childhood in Roman Italy*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

REYDMANS-SCHILS, G. *The Roman Stoics. Self, Responsibility, and Affection*. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

SALLER, R. P. *Patriarchy, property and death in the roman Family*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SMITH, C. J. *The Roman Clan: The Gens from Ancient Ideology to Modern Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006

SOUZA, C. D. As Práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, suplemento n. 13, p. 1-324, 2011.

VAN RAIJ, C. F. de M. A filosofia da dor nas Consolações de Sêneca. *Letras Clássicas*, n. 3, p. 11-21, 1999.

VEKSELIUS, J. *Weeping for the res publica: tears in Roman political culture*. Lund: Lund University, 2018.